

Brasil opta por sujar a sua matriz energética

Emissão de CO₂ pode triplicar. Para evitar apagões, 81 termelétricas serão acrescentadas, aumentando as emissões de gás carbônico

As emissões brasileiras de gases do efeito estufa a partir da geração de energia elétrica vão praticamente triplicar nos próximos dez anos, na contra-mão dos esforços para diminuir o aquecimento global. Mesmo com a entrada em funcionamento das usinas do rio Madeira e de Belo Monte, a participação da fonte hídrica na matriz energética nacional cairá de 85,9% no início de 2008 para 75,9% em 2017, segundo o Plano Decenal de Energia (PDE), em consulta pública desde 23 de dezembro.

Pelo plano, a atual capacidade instalada vai se expandir dos atuais 99,7 mil megawatt (MW) para 154,7 mil MW. Mas o país continuará dependendo de mais energia cara e poluente se quiser se livrar do fantasma dos apagões. Para atender o cresci-



A ex-ministra Marina Silva critica falhas de planejamento no setor elétrico

mento da demanda será necessário acrescentar 81 termelétricas ao sistema interligado – 41 movidas a óleo combustível, 20 a diesel, oito a gás natural, sete a biocombustíveis e quatro a carvão. Elas deverão gerar 13,7 mil MW, excluindo a usina nu-

clear de Angra 3. Essas novas térmicas despejarão na atmosfera 39,3 milhões de toneladas de CO₂ apenas em 2017 – um aumento de 172% em relação ao volume das emissões de 2008, estimadas em 14,4 milhões de toneladas.

Marina Silva aponta contradição

Segundo Marina Silva (PT-AC), ex-ministra do Meio Ambiente, “o plano está em contradição com as metas internas de redução do desmatamento”. As queimadas de florestas respondem por três quartos das emissões brasileiras de gases causadores do efeito estufa e o governo espera reduzir o desmatamento da Amazônia em 70%.

A participação do setor elétrico continuará sendo minoritária no total de emissões, mas a entrada em operação de tantas usinas térmicas será mais que sufi-

ciente para eliminar os ganhos ao meio ambiente com a adoção do biodiesel. A mistura de 3% do biocombustível ao diesel convencional evitará o despejo de 62 milhões de toneladas de dióxido de carbono ao longo dos próximos dez anos, mas esse esforço será perdido com o funcionamento das termelétricas por um ano e sete meses.

Para Marina, o crescimento da produção de energia por fontes mais poluentes decorre de falhas no planejamento do setor elétrico. Segundo ela, me-

tade dos projetos de hidrelétricas listados no plano decenal não tem estudos de viabilidade técnica e econômica e “alguns sequer estão inventariados”.

O diretor-geral da Agência Nacional de Energia Elétrica, Jerson Kelman, lamenta a perda de qualidade da matriz brasileira. Ele diz que a energia eólica é cara e inconstante. Também acha “irrisório” o efeito de uma estratégia insistentemente defendida por ONGs ambientalistas: a repotenciação das hidrelétricas existentes.